

Núbia Proença – do buraco sombrio aos pódios

Agnes Ariel dos Santos Silva¹

Uma vida comum, uma família feliz, muitas risadas e conversas esporádicas, que acabavam em pizza. Uma menina inteligente, risonha, com muitos sonhos, ansiosa por estar com pessoas; ansiosa por amigos, mas com um tom de pele diferente. Todas essas características me descrevem, ou melhor, descrevem a Núbia criança.

A infância é uma das partes mais belas da vida, mas também é a mais marcante, em que as experiências podem definir sua personalidade, influenciando diretamente no poder decisório que a vida adulta se encarrega – por favor, não deixe os adeptos à etiologia ouvirem isso.

No meu caso, falar de experiências me leva a lugares distantes, então aperte os cintos e viaje comigo.

Ser uma menina negra na escola particular não foi uma tarefa fácil, ainda mais quando você não tem a mesma condição financeira que seus amigos e não pode sustentar um carro do ano, a casa mais bonita, os looks de invejar ou o final de semana na Disney.

Ali e em tantos locais eu era a única. A diferente que usava trancinhas, a menina com os traços estranhos, afinal “de onde ela tirou esse nariz de botão e esse beijo gigante?”; “Núbia, cuidado para não roubar o nosso ar”. Eram tantas piadas, falas e olhares. No entanto, eu era só uma menina que ansiava por amizades, então o que me restava era rir junto e chorar sozinha. Me considerar esquisita mesmo; são muitos contra um.

Eles só não sabiam – e nem eu, diga se de passagem – que um dia um buraco assustador me sucumbiria e aquela Núbia, que andava com duas fiéis escudeiras, de cabeça baixa e sem olhar nos olhos de ninguém, se tornaria a Núbia Proença, uma boneca amada e destemida.

No último dia de aula do fundamental II, eu estava pronta e animada para a próxima fase, o ensino médio – coisa típica de menina nerd que sonha em entrar em uma federal sem nem mesmo

¹ 201909@sou.fapcom.edu.br / curso: Relações Públicas

saber o que quer da vida. Depois das festinhas de despedida, lágrimas e promessas de formatura, ao voltar para casa, senti tudo girar e escurecer.

Eu havia caído em um buraco profundo. Ao acordar, me deparei com um mundo paralelo, cheio de pessoas singulares e muito parecidas comigo. “O que é isso, um filme, um delírio?” Não, era a minha realidade. Eu via outros como eu, eu via reflexos de mim longe dos espelhos, eu me via em pessoas, porém, o que nos diferenciava era a alegria e o autoamor que eles tinham e eu... Pobre de mim! Não sabia nem que para pessoas como eu isso era possível, para além da bolha de um lar afrocentrado e amizades seletas cativadas pela empatia e dedicação estudantil.

Que lugar assustador, por que eu estava ali? Por que me afastaram de tudo o que eu achava comum e belo? Eu queria voltar para o meu mundo real, mas não pude. Aquela era minha nova realidade, eu tinha que me adaptar, me envolver e me permitir ser transformada.

Durante um ano de muitas lágrimas, eu comecei a me encantar por aquela nova vida. Me esqueci dos enlaces da aparência e do status social. Talvez seja porque durante esse um ano eu ainda não tinha me deparado com um espelho e achava que estava tudo normal. Entretanto, foi em uma noite de domingo, após risos e conversas que, voltando para casa, eu vi meu reflexo no espelho pela primeira vez, depois de longos 12 meses.

Foram gritos infinitos, não sabia se eram de desespero ou alegria, só sei que a imagem que eu via não condizia com a Núbia de anos atrás, estranhamente eu havia me transformado em uma boneca retinta, vestida de rosa, com o cabelo brilhoso e uma etiqueta escrito Núbia Proença.

Aquele era meu novo eu. Um novo nome. Uma nova realidade. Tudo foi como um passe de mágica. Cair naquele buraco, me adaptar a um novo mundo e me reconhecer como Núbia Proença, a boneca. Foi assustador.

Hoje, depois de 5 anos, algumas pessoas procuram pela Núbia. Soube disso, porque um dia, navegando pela internet, vi uma matéria com o seguinte título: Uma vida, dois mundos – a menina que se perdeu após formatura ainda habita entre nós. Imediatamente soube que estavam falando sobre mim, pois esse novo mundo permeava o antigo, porém somente para aqueles que já me viam como Núbia Proença. Os que me conheciam apenas por Núbia, nunca mais souberam de

mim e se lamentavam pelo meu trágico fim, mas mal sabiam eles que era só o começo de uma nova vida.

A contraposição daqueles que afirmava meu desaparecimento e dos que diziam estar tudo normal, virou um podcast famoso e, hoje, um filme. Uns dizem que é a nova versão de Barbie, eu diria que é apenas uma trama singular, intitulada de Núbia Proença - do buraco sombrio aos pódios.